

DOSSIÊ DE EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA

PRIMEIRA PARTE: QUESTÕES DE EPISTEMOLOGIA ANALÍTICA

Este dossiê lançado pela revista *Perspectiva Filosófica* apresenta trabalhos originais e relevantes sobre questões de epistemologia contemporânea. A epistemologia é a área filosófica que investiga a natureza e a possibilidade do conhecimento e de estados epistêmicos relacionados, como justificação, entendimento, ciência e racionalidade, bem como as relações entre esses estados. Trata-se de uma área que, apesar de tradição milenar, adquiriu um interesse renovado na contemporaneidade—um interesse que se deve em grande parte à consolidação da tradição analítica—, e que hoje compreende temáticas e abordagens variadas. Neste dossiê, as contribuições são categorizadas em dois tipos, o que motivou a decisão editorial pela sua publicação em duas partes: *questões de epistemologia analítica*, nesta primeira parte, e *abordagens epistemológicas alternativas*, na segunda parte.

Nesta primeira parte, os sete artigos publicados a resenha de livro enquadram-se na epistemologia analítica (amplamente concebida). A epistemologia analítica emprega os recursos consagrados pela filosofia analítica, tais como análise da linguagem, formalização de argumentos e exposição clara de teses filosóficas, de suas pressuposições e consequências, para tratar de temas epistemológicos, o que usualmente é feito da perspectiva de análise conceitual. As questões céticas acerca da possibilidade do conhecimento constituem aquele que talvez seja o tema epistemológico por excelência. Lemos, na sua resenha do livro recente de Duncan Pritchard, *Skepticism: a Very Short Introduction* (2019), apresenta e discute o modo como Pritchard entende a problemática cética.

No artigo *Demonstração, Verdade e Entendimento no Conhecimento Matemático: um estudo de caso a partir do teorema das quatro cores*, Câmara discute como a demonstração de Appel-Haken do Teorema das Quatro Cores suscita a reconsideração de uma concepção clássica do conhecimento

matemático como exclusivamente dedutivo. Em *O Argumento do Conhecimento: uma nova estratégia fisicista*, Sá Pereira discute o caso de Mary—uma proficiente neurocientista do folclore filosófico que é mantida confinada em um quarto cinza. Sá Pereira argumenta que, quando liberta e ao ver cores pela primeira vez, Mary manifesta progresso epistêmico em virtude do conteúdo não-conceitual da sua experiência de cores e do enriquecimento fenomenal dos seus conceitos de cores.

Experimentos mentais, como o da neurocientista Mary analisado por Sá Pereira, são recursos indispensáveis na epistemologia analítica. Há, no entanto, controvérsia substancial sobre a sua função: seriam experimentos mentais recursos retóricos com características próprias, ou seriam apenas argumentos enriquecidos por uma história? Em *Experimentos Mentais como Argumentos: objeções à abordagem de Norton*, Rodrigues e Nitsche defendem, contra John Norton, que experimentos mentais não são argumentos ou inferências.

Fett e Gaboardi, em *O que é preciso para ser um externista em epistemologia?*, concentram-se naquela que foi, e continua a ser, uma das questões mais acaloradas da epistemologia analítica contemporânea, a saber a distinção entre externismo e internismo. Os autores defendem que a disputa entre internismo e externismo é fundamentalmente uma disputa sobre qual é o papel de relações mente-mundo na aquisição de justificação para crer e que um externista pode defender uma cláusula antiderrota, isto é, que uma justificação *prima facie* para crer pode ser enfraquecida ou até mesmo anulada por evidências contrárias. Rosa, em *Suspensão e Neutralidade Evidencial*, discute a tese aparentemente incontroversa de que é racional para um sujeito suspender juízo sobre uma proposição se e somente se a evidência de que esse sujeito possui é neutra sobre se a proposição em questão é o caso. A partir do exame de alguns contraexemplos, Rosa defende aquela tese com base em uma concepção de racionalidade como responsividade apropriada à evidência.

Em *Ensaio sobre a Segunda Pessoa*, Silva Filho motiva a concepção de uma epistemologia de segunda pessoa a partir das considerações de Donald Davidson acerca da segunda pessoa no âmbito da linguagem. A perspectiva de Silva Filho é que a epistemologia da segunda pessoa nos ajudará

na investigação sobre os casos em que disputas epistêmicas são legítimas, em que razões importam e em que uma resposta bem informada e justificada que uma pessoa pode dar a outra sobre “o que é o caso?” é indispensável.

Em uma importante contribuição sobre nossas práticas epistêmicas digitais, Santos, em *Ética da Crença, Fake News e Responsabilidade* aplica a recente, porém tremendamente prolífica discussão sobre ética da crença e responsabilidades intelectuais e morais para avaliar a questão da divulgação de factoides através de redes sociais. Coelho, no artigo *Vícios Intelectuais, Motivação e Responsabilidade* discute a ontologia dos vícios intelectuais e argumenta em favor de uma posição pluralista, defendendo que há casos de vícios intelectuais que não resultam de uma má motivação.

Giovanni Rolla¹
Editor Convidado

¹ Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, membro do Grupo de Pesquisa Enactive Cognition & Narrative Practice.
E-mail: rollagiovanni@gmail.com.